

ÁREA DO TRABALHO: EDUCAÇÃO INFANTIL

IMAGENS QUE FALAM: PERCEPÇÕES DE CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA DE IMAGENS PRESENTES EM CENÁRIOS DE SALAS DE AULA

Mayhara Luana da Fonseca¹
Zelia Granja Porto²

¹ Concluinte do curso de Pedagogia/CE/UFPE;

² Docente do Depto de Métodos e Técnicas do Ensino /CE/UFPE.
zeliaporto2@yahoo.com.br

RESUMO:

INTRODUÇÃO: Vivemos cercados por imagens. Do sonho ao que enxergamos no novo dia. Desde muito pequenas, e mesmo antes de aprender a ler e escrever, as crianças vivem imersas na cultura de imagens que circulam nos mais variados meios, como *televisão, smartphones, outdoors, tablets*, dentre outras comunicações visuais. As composições imagéticas presentes na escola, além de constituir as narrativas vigentes, estão vinculadas a uma indústria cultural, na qual as imagens se fazem presentes para serem consumidas a todo custo, e os personagens, aparentemente inocentes, fazem parte de corporações que ditam modos de ser, de existir e de ver as crianças. De maneira sutil, as imagens resultam em uma ação educativa, constituindo, assim, uma Pedagogia da Visualidade (CUNHA, 2007). O presente trabalho buscou investigar sentidos que crianças atribuem às imagens produtoras e constitutivas de cenários de sala de aula, analisando, a natureza e os tipos de imagens presentes nesses espaços. Também buscou identificar como tais sentidos/percepções constituem dispositivos pedagógicos. **METODOLOGIA:** O estudo, de abordagem qualitativa, apoiou-se em observações, entrevistas semiestruturadas e desenhos feitos pelas crianças. As observações possibilitaram a identificação de imagens presentes nas salas de aula de duas turmas do Jardim 3, da Educação Infantil, de uma escola particular do Recife. Por meio das entrevistas e dos desenhos de seis crianças de 5 anos de idade, buscou-se identificar os sentidos que elas atribuíram às imagens que compunham cenários da sala de aula. De modo a preservar a identidade das crianças entrevistadas, nas falas aqui citadas, elas serão identificadas como C2, C3 e C4. Com base em processos parafrásticos e polissêmicos da linguagem (Orlandi, 2009) foi possível analisar os sentidos atribuídos pelas crianças às imagens presentes na sala de aula. De acordo com a referida autora, “a paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços do dizer” enquanto a polissemia é a “simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico” (Ibid. p. 36-38). **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** As percepções das crianças sobre os cenários da sala de aula possibilitaram identificar o que Cunha (2005) nomeia como imagens-totem e a impregnação cultural, definida por Brougère (2004). Nas falas das crianças, também apareceram indícios do modo de ser criança relacionado ao mundo do adulto, o que identificou-se, inspirado em Postman (2011), como adultização infantil. Os sentidos

atribuídos às imagens-totem caracterizam-se como o grupo de imagens principais, que em geral são as personagens-símbolo das histórias populares infantis, como as da Mônica (personagem de Maurício de Souza). De certo modo, as imagens-totem compõem a ambiência e são celebradas tanto pelas crianças como pelas educadoras (CUNHA, 2006). Nos excertos a seguir, retirados das entrevistas realizadas, as crianças da pesquisa são questionadas a respeito de onde elas conhecem a Mônica, personagem presente no cenário de uma sala de aula pesquisada: “A Mônica, eu já vi... É muito famosa, por isso que já tem em vídeos, no *YouTube*, na Netflix, no cinema [...] e em imagens também. (C-2)”; “A Mônica eu vi no filme dela e eu viajei para uma cidade onde tem um parque só da Mônica e meus pais me levaram lá e tinha ela fantasiada lá e uma lojinha para comprar... eu vi a Mônica nesse lugar... (C-4)”. Diante do processo parafrástico da análise do discurso (ORLANDI, 2009), nota-se que há uma estabilidade pontual entre as crianças e as imagens presentes na sala de aula. Os personagens midiáticos dos cenários das salas de aula pesquisadas, como a Mônica, caracterizam-se como totens, narrando e fazendo circular significados e conexões entre as narrativas já construídas e compartilhadas nas mídias, tornando aquele lugar, e para aquelas crianças, um ambiente suscitador de significados como harmonia e felicidade. Durante as entrevistas, as crianças foram questionadas a respeito de uma das composições de um outro cenário de sala de aula: Peppa Pig e George e o que pensavam sobre os personagens ali presentes. Do universo de seis crianças entrevistadas, todas associaram a Peppa à fase de bebê ou crianças menores, como mostra a seguinte fala de uma das crianças: “Esses dois eu conheço, porque eles são famosos para bebês. Eles são Peppa e George. As crianças da minha idade, tipo, a gente odeia por aí! Até que tem umas crianças de cinco anos que gostam, porque cada um tem o seu pensamento e sua atitude. (C-2)”. A fala da criança 2 é atravessada pela tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos da linguagem (ORLANDI, 2007). Formas de ver, imaginar e dizer são trazidas, pela criança, de contextos do mundo adulto para interpretar situações. Ao não se perceber como criança (que é) ela cria, recria narrativas que convergem para discursos culturais dominantes que atravessam a vida cotidiana das crianças de nossa época, reproduzindo uma visão adultocêntrica de perceber-se como criança, distanciando-se da “[...] representação que exalta seu estado infantil” (BROUGÈRE, 2004, p. 93). Foi solicitado às crianças que elas desenhassem aquilo que elas gostariam de ver nos cenários de suas salas de aula. Os desenhos revelaram um amplo repertório visual, visto que de forma polissêmica (ORLANDI, 2007), acrescentaram outros personagens midiáticos, além de terem se colocado ao lado de tais personagens para compor o cenário, como mostra a fala a seguir: “Colocaria o Mario e o Luigi. Eu vou fazer uma coisa bem legal agora. Sabe o que eu vou fazer? Eu [...] Uma calça jeans, uma parte com furinho, uma calça rasgada da moda. Minha roupa, roupa do Pac e o sapato de Minecraft. (C-3)”. O desenho e a fala dessa criança sugere sua diversidade de discursos visuais, visto que sua percepção desencadeia em outras narrativas, ao trazer para o cenário de sua sala de aula, personagens de mídias visuais, configurando o que Brougère (2004) define como impregnação cultural.

CONCLUSÕES: Através desse estudo, foi possível identificar as percepções de crianças da pré-escola sobre imagens constitutivas e produtoras de cenários de salas de aula. Os sentidos extraídos das falas das crianças da pesquisa: imagens-totem, adultização da infância e impregnação cultural demonstraram um vasto repertório imagético, o qual associa-se a personagens midiáticos que aparecem em conexão com o mundo do consumo de produtos voltados ao universo infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil; Imagens na sala de aula; Infância.

Referências: BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção questões da nossa época, v.43). CUNHA, Susana Rangel Vieira da. *Cenários da Educação Infantil*. Revista Educação e Realidade, Rio Grande do Sul, v. 30, n. 2, jul-dez. 2005. 165-185. ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Ed. Pontes, 2009. POSTMAN, Neil. *O Desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 2011.